

ALVORADA

REVISTA DE LETRAS

REDACTORES:

JONATHAS BAPTISTA
ANTONIO CHAVES
PEDRO BORGES
CELSO PINHEIRO
ZITO BAPTISTA.

— THERESINA — PIAUIY

COLLABORADORES:

Hygino Cunha
Clodoaldo Freitas
João Pinheiro
Arimathéa Tito
Leoncio do Rêgo
Simplicio Mendes
Maria Amelia Rubim
Pedro Campos Filho

Baurelio Mangabeira
Ressú Leal
Eudoxio Neves
Alba Valdez
Ascendino Argolo
Antonietta Clotilde
Joel d'Oliveira
M. Saraiva de Lemos



ALVORADA

Revista de letras

Anno I

THERESINA

—15—Agosto—09.—

PIAUHY

Num. 3

Informações

A *Alvorada* apparece nos dias 15 e 30 de cada mez e não publica materia paga si-
não nas paginas reservadas aos annuncios.

A *Alvorada* assigna-se:

Por mez—capital—1\$000. Tres mezes—fóra—3\$500. Numero avulso—\$500.

PAGAMENTO ADIANTADO

Toda e qualquer correspondencia deve ser dirigida a Jonathas Baptista, redactor-
secretario—rua Dr. Alvaro Mendes—num.—59.

Endereço telegraphico—Alvorada.

A redacção não se responsabiliza pelas idéas defendidas nesta revista pelos seus
collaboradores.

Acceitam-se annuncios, mediante previo ajuste e pagos adiantadamente.

ALVORADA

Os eclipses

(Vide o nº. 2 desta revista)

*Sobre a nudez crua da verdade, o
manto diaphano da phantasia.*

E. de Queiroz.

*Non seulement les pierres vi-
vent, mais elles souffrent la ma-
ladie, la vieillesse et la mort.*

J. Cardan.



historia registra diversos aconteci-
mentos memorave-
is, em que os eclip-
ses tiveram uma in-
fluencia extraordinaria. E' sabido
que a batalha de Arbellas decidiu da

sorte do imperio persa, entregando-o
às armas victoriosas de Alexandre
magno. Pouco antes desta celebre
peleja, o reida Macedonia quasi viu
disperso o seu exercito á apparição
subita de um phenomeno deste ge-
nero. Ao revez, Druso, no dizer de
Tacito, serviu-se de um eclipse para
aplacar uma sedição no seu exerci-
to. Christovam Colombo, em peri-
go de morrer de fome, na Jamaica,
ameaçou os carahibas de fazer de-
sapparecer a lua, si elles não lhe
fornecessem os viveres necessarios.
Mal começou o nosso satellite a pe-
netrar na sombra da terra, os indi-
genas, apavorados, renderam-se á
discreção. Foi o eclipse de 1.º de mar-

ço de 1504, previsto e observado pelos astrónomos europeus.

Esta crença geral, na philosophia selvagem, de que a lua e o sol são dois seres vivos, que pôdem luctar entre si ou ser devorados por monstros celestes, é um caso typico da mythologia cosmica, que por sua vez se liga a uma doutrina mais vasta, que Tylor chamou *animismo*. Este processo mental consiste em collocar um eu analogo ao eu humano no seio de todos os seres do mundo externo. O homem primitivo não admittit o movimento e a acção sem vontade e sem consciencia. Aos seus olhos tudo começa por ser animado na natureza; depois o campo indefinido desta vista imaginaria vai-se retrahindo cada vez mais, á medida que elle observa e raciocina mais e melhor. Eis como o sabio inglêz expõe a sua theoria na sua obra monumental *Primitive Culture*: «Discutindo a origem dos mythos, nós assignalamos o estado, em que se achava primitivamente o pensamento humano, estado em virtude do qual o homem attribua a personalidade e a vida não sómente aos seus semelhantes e aos animaes, porem tambem aos objectos inanimados. O que nós chamamos objectos inanimados, a saber, os rios, as pedras, as arvores, as armas, etc., são para o selvagem seres intelligentes; elle dirige-lhes a palavra, faz-lhes preces e crê que elles merecem ser punidos quando fazem algum mal». A. Comte, em sua *Philosophia positiva*, caracterizando a condição mental primitiva da especie humana, assim se exprime a respeito: «E' um estado de puro fetichismo, essencialmente caracterizado pelo exercicio livre e directo de nossa tendencia original de conceber todos os corpos exteriores, quer naturaes, quer artificiaes, como dotados de uma vida analoga á nossa e sómente differindo desta pela intensidade». Estão de accôrdo to-

dos os que se occuparam do assumpto.

Desse animismo primitivo é que se originaram todas as doutrinas espiritualistas, desde as que consideram a alma como uma substancia corporea até ás mais quintessenciadas da pura immaterialidade sobrenatural. Não é nosso proposito—está claro—fazer a historia do animismo através dos seculos. Queremos apenas consignar aqui algumas idéas capitaes da velha e immorredoirá concepção espiritualista, base de muitas religiões, e de um vasto systema philosophico, dominantes ainda nos tempos actuaes.

Ha duas especies de almas: as dos individuos semelhantes a nós e as dos seres puramente espirituaes de toda ordem até ás divindades mais poderosas. Dois problemas distinctos têm occupado os espiritos dos homens em todos os tempos: Primeiro, em que consiste a differença entre um corpo vivo e um cadaver—entre um individuo acordado e outro adormecido? Em segundo lugar, que são estas fórmas humanas que se mostram nos sonhos e nas visões? Em uma palavra, como explicar a vida e os seus respectivos phenomenos? Eis um dos magnos problemas, que ainda hoje fazem o tormento da sciencia e da philosophia. O selvagem tudo explicava com a concepção de uma *alma-phantasma*. A ausencia desta alma constitúe o corpo privado da vida; a apparição desta alma constitúe o sonho ou a visão. E, uma vez admittido que o homem é um ser *duplo*, facil lhe foi estender esta concepção a todos os seres da natureza. A vida está por toda parte—no homem, nos outros animaes, nas plantas, nos ventos, nos rios, nos oceanos, no fogo, no sol, nos utensilios, nas armas, nas cabanas, canoas, etc. E' a personificação de todo o universo.

Abrindo um livro

Has de estranhar, de certo, a infinita aspereza
 Destes versos brutaes, cheios de maldições...
 —Versos de sangue e fel, de horror e de impureza,
 Onde não brilha nunca o sol das illusões...

E' que eu, louco, obedeço á propria natureza.
 E, escravo do poder das grandes emoções,
 Blasphemo, e rio, e choro, ao ver minha alma presa,
 A' cadeia eternal das tuas seducções.

Persegue-me o furor de estranhos pesadelos,
 E em torno, desvairado, o espectro do meu sonho
 Apunhala-te o corpo e beija-te os cabellos...

Pois tu, causa fatal de um grande amor bravio,
 E's a mulher do céo, és a mulher demonio,
 Que eu amo e quero mal, desejo e repudio!

Zito Baptista.

(Do *Barbaros*—inérito.)

Mas o mais interessante é que o monismo philosophico dos tempos modernos, suppondo dar a ultima palavra sobre o problema da vida, não faz mais do que confirmar a opinião dos selvicolas primitivos. Locke entreviu a verdade nestas palavras: «Não vejo contradicção alguma em que Deus, ser pensante, eterno e omnipotente, dê, si quizer, alguns graus de sentimento a certas porções de materia criada e insensivel, que elle reune como achar a proposito». Esta duvida forneceu um dos themas favoritos de Voltaire para combater a existencia da alma como substancia espiritual, podendo existir fóra da materia. Fez epoca a campanha sustentada pelo regio philosopho francês.

Tobias Barreto, dando conta da questão em seus *Estudos Allemães*, combate o puro mecanismo de E. Haeckel, e sustenta com Ludwig Noiré que «a idéa fundamental do monismo é que o universo compõe-se de atomos inteiramente iguaes que são dotados de duas proprie-

dades, uma interna, *o sentimento*, e outra externa, *o movimento*. Bem como os atomos, o sentimento e o movimento que lhes são inherentes, são originariamente iguaes. Destas duas propriedades, originarias, inseparaveis, resulta todo o desenvolvimento, ou antes, o que se chama desenvolvimento é a somma, ou o producto de ambas; de modo que todo e qualquer desenvolvimento é reductivel a uma modificação do movimento, mas tambem e ao mesmo tempo, todo e qualquer desenvolvimento é reductivel a uma modificação do sentimento. Schopenhauer diz: tudo é *vontade*. O idealismo e o materialismo dizem: tudo é *força*; para aquelle *força e espirito*; para este *força e materia*. O monismo, porem, responde: tudo é ao mesmo tempo *vontade e força*. Como *força apparece*, como *vontade*, é; ou para falar a lingua de Kant, como *força*, é *phenomeno*; como *vontade*, *noumenon*. Na explanação destas idéas, entramos em pleno dominio da metaphysica. Não importa; prosigamos.

O que Tobias Barreto denomi-

na monismo philosophico é inteiramente o opposto do monismo naturalistico ou mecanista, a que Haeckel prestou o valioso prestigio do seu apoio. Mas nem por isso, este ultimo logrou apoderar-se exclusivamente do pensamento moderno. O primeiro, ligando-se a Kant, por intermedio de Schopenhauer e Hartmann, mantem-se firme e sobranceiro na liça. Weber dá-lhe a denominação de *espiritualismo concreto* para significar que ha uma realidade superior aos atomos, cujo jogo constitúe a vida universal. «Mas esta realidade por excellencia—diz este autor—fôra da qual tudo é vaidade, illusão, nada, não é uma entidade extra-cosmica, mas ao contrario é a essencia mesma das coizas, a alma do mundo, como diziam os antigos, a vida da nossa vida». E' em outros termos a idèa fundamental de Schopenhauer. «A vontade—affirma este grande philosopho—como principio das coizas, jaz adormecida na rocha, desperta na planta, e desenvolve-se plenamente no homem». Não è o mesmo *animismo*

primitivo enroupado á moderna?
Nihil novi sub sole.

Si a metaphysica, pelos seus orgams mais competentes, sustenta o espiritalismo concreto, as sciencias physico-chimicas vêem em seu apoio com as suas novas descobertas. Sômente as escolas que admitem o milagre da criação sobrenatural da alma, contestam á materia a força animica, latente nos mineraes e activa nos vegetaes e animaes.

O dr. Araujo Jorge, um dos mais bellos talentos da nova geração intellectual do Brazil, publicou n' *A Cultura Academica* de 1904, dois longos e profundos estudos—*A Biologia* e a *Physico-Chimica*, e *A Dynamica vital*, em que discute magistralmente o magno problema, passando em revista todos os dados daquellas sciencias, para chegar a esta conclusão peremptoria. «A vida será sempre um accidente da força universal, uma fôrma desse dynamismo immenso que propelle os mundos através do espaço illimitado e infinito, e ella existe no grão de poeira subtil como no organismo constituido.»

Mas não deixará nunca de ser um enigma insolúvel como a morte, dando razão a Du Bois Reimond contra Haeckel: *Ignorabimus*. O maior philosopho da mais alta civilização sabe tanto a respeito como o selvagem dos tempos primitivos.

H. C.

P. S.

O ultimo eclipse da lua que me suggeriu a idèa deste ligeiro artigo, occorreu na noite de 3 de junho ultimo e não no começo de julho, como por engano sahiu publicado.

Edmundo Genuino & Irmão

Artigos para homens,
senhoras e creanças.

Grande sortimento de Chapéos e Calçados.

IDEAL CUTIS

Preparado por Oscar Castello Branco

PHARMACEUTICO

O melhor aformoseador da cutis.
Evita e aborta as espinhas e cravos. faz
desapparecer as manchas e sardas: em-
fim, torna a pelle macia, limpa e rosea.

USO:—DUAS VEZES A O DIA

Rua Paysandú 64 Preço 2\$000

THERESINA—PIAUHY.

CHRONICA

É tradicionalmente sabido que, no Brasil, são mais formosas as noites de luar no mez de agosto, porque é justamente o tempo em que o céu está mais limpo de nuvens.



Grande falta de bairrismo seria a do chronista si procurasse somente, para assumpto da sua quinzenal tarefa, factos acontecidos em outros Estados e mesmo fóra do Brasil. Grande falta seria a sua, si não procurasse tambem falar de sua terra, dedicar-lhe algumas linhas, dizer alguma coisa sobre a nossa formosa cidade verde, no dizer do auctor do *Sertão*, o sempre inspirado cantor do *Jardim das Oliveiras*, o meigo estylista maranhense que èo conhecido escriptor Henrique Coêlho Netto. E escrevo aqui o nome por completo do notavel literato porque, em geral, o publico ignora sempre o nome por inteiro dos mais celebres homens de letras. A prova é que muitos dos meus leitores nunca ouviram pronunciar o nome todo de Olavo Bilac, o poeta tão querido, tão popular e tão conhecido em o nosso meio. Aposto que não sabem que o autor da *Via-Lactea* tem, como a maioria dos homens, o prosaico nome de Olavo dos Guimarães Bilac! Pois é esta, por completo, a assignatura do meigo poeta que, para fazer della um verso heroico, juntou mais uma syllaba e escreveu um dia sem mais acanhamento:

Olavo Braz dos Guimarães Bilac.

Ignora muita gente que o tão querido e tão odiado Guerra Junqueiro, o velho mestre que tem ainda hoje, não obstante os annos que já lhe vão pesando na vida, aquelle mesmo sentimento elevadamente divino dos seus primeiros tempos, escreva o seu primeiro nome como qualquer burguez—Abilio!... E assim muitos outros.

Mas é que já me ia deixando levar pelo encandeamento das idéas que me vão surgindo, esquecido inteiramente do principal fim da minha tarefa de hoje—dizer alguma coisa sobre Theresina.

O proposito tenho-o eu; mas encontrar um thema que não seja de todo muito banal è que já se me vai tornando immensamente difficil.

Paro a penna, consulto as idéas e nada de notavel, nada de importante encontro na carteira de minha imaginação que se prenda ao assumpto que procuro.

É fico a dizer commigo mesmo, entediado da vida, revoltado contra tão inqualificavel absurdo: Que coisa insipida! Theresina nada tem de novo que mereça as honras de uma chronica...

Poderia falar sobre a eleição que se aproxima para o cargo de intendente do municipio. «O Norte», porém, já tratou do caso apresentando o seu candidato que é (diz o collega) um cidadão que muitos serviços tem prestado à politica e ao Estado e eu, por esse lado, nada mais poderia acrescenta aos leitores da *Alvorada*. Diante, pois, de tamanha difficuldade, não há remedio sinão lançar mão [seria melhor-lançar pedra] do unico recurso que me resta: o luar de agosto.

Ah! o luar! o luar!... Eu tenho uma adoração pelas noites enluaradas. Fico-me, às vezes, horas inteiras, extasiado, absorto, esquecido de todos e de tudo, admirando, contemplando, enlevado, na minha ignorante mesquinhez, essa esplendida maravilha da natureza, tão rica de esplendores, tão prodiga em deslumbramentos.

O luar foi feito, por força, para os poetas e os namorados. E esta minha convicção é tamanha, que eu chego, muitas vezes, a dizer—si não existisse a lua, a doce confidente dos que amam, a meiga enamorada dos visionarios do Sonho, o amor seria uua mentira e os poetas, si existissem, não seriam, estou certo, em tão contagiosa abundancia.

Mas dizem que è em agosto que o luar é mais lindo, entre nós ou mesmo em todo o Brasil, porque é justamente o tempo em que as noites são mais limpas, o céu mais despido de nuvens...

Não o contesto nem o affirmo tambem.

Para mim, tanto se me dà que seja julho, agosto ou setembro. O que eu amo, o que eu admiro, o que me enleva, o que me exalta o pensamento são as noites de luar, inteiramente limpidas, quando a nossa pequenida cidade como que recebe coriciosamente um banho de luz suave e doce, cheio de uma vaga melancolia, de uma mystica e salutar tristeza.

Seja, pois, a minha chronica de hoje uma pequenina saudação ao luar, ao celebre luar de agosto que se aproxima e que, como sempre, trará á nossa querida Theresina noites alegres para os felizes e consoladoras para os que soffrem. E nesta saudação em que vai, por assim dizer, um pedaço da minha alma de eterno apaixonado do Bello, eu desejo, durante a enluarada estação que se avizinha a mais completa ventura aos namorados e os mais bellos madrigaes ás formosas inspiradoras dos nossos ternos poetas.

SONETO

(Ao dr. Domingos Monteiro.)

Velho tronco, partido e quasi morto! . . . Out'ora,
Quando vinha surgindo aloira primavera,
Elle, alegre, não tinha essa mudez austera
De quem vive a soffrer, tal como o vejo agora.

Gigante colossal! . . . A dor que dilacera,
Que punge e que maltrata, aos poucos lhe devóra
A vida quasi extincta, a vida que macera. . .
E o mudo vegetal como que geme e chóra.

Quantosinhos out'ora elle embalára, ao vento
Da alegria sem par que na floresta canta
A epopèa do verde, ao retornar do dia! . . .

Velho tronco partido, o misero rebento
Que em ti viceja ainda e a vista nós encanta
E' da louca esperança a suprema ironia! . . .

Jonathas Baptista.

José Apollonio

I

Depois do ultimo dia de soalheira
passado sobre o lombo amigo do
alazão tustado, ao chegar a Cam-
po-maior, quasi a noitinha, sobre-
viera-lhe como uma quebreira de
corpo, uma modorra somnolenta cortada de boce-
jos prolongados, de estremecimentos subtis, de uma
vontade continua de repousar, de distender os mem-
bros fatigados pela larga marcha de dois forçada do
seu cavallo preditecto.

Os camaras las,—agasalhados convenientemen-
te os animaes,—serviram-lhe a parca ceia de carne
assada que elle ingerira já deitado na sua pequena
rede de viagem muito coçada, saboreando-a aos bo-
cadinhos, demoradamente, como se se tratasse dos
mais finos acepipes.

Após o café chegou ainda a porta da rua a
admirar um crescente de lua muito pallido que des-
lizaava somnolentemente sobre a turqueza infinita do
espaço ericado de estrelas, e, em seguida, passada
ainda uma vesturia sobre as cargas e arrieiros, dei-
tou-se disposto a descansar.

Não o conseguiu logo, porem.

Vinham-lhe instinctivamente a memoria os
ultimos dias passados na Januária, as recommenda-
ções pateras, algumas despedidas, arranjos de via-
gem, certas lembranças e sobretudo as saudades da
Dengosa—uma mulata sacudida de olhos negros pe-
culantes a quem andara arrastando a aza nos ulti-
mos tempos e que lhe prendia ainda o pensamento.

E não podia dormir!

Virava-se na rede ensandecido, estremecendo sob
o imperio daquellas gratas reminiscencias que faziam
o sangue galopar-lhe desesperadamente nas arterias
como um indomito corcel allucinado.

—Aquelle diacho!

Era muito moço ainda; teria de vinte e quatro
a vinte e cinco annos, quando muito. Era alto, forte,
robusto, de compleição sanguinea. Chamava-se José
Francisco da Silva e viera comprando «poldros» pelo
sertão.

Ficara de pernoitar alli, naquelle dia, para no
seguinte encontrar-se com o Tenente Estevam Lopes

no Contente—uma fazendola proxima—onde tinha
de negociar uma grande partida de animaes.

Os seus companheiros—o Chico Sampaio e o
José Apollonio eram homens de fiança, affirmara-o
seu paé ao despachal-o para aquella viagem com
uma farta provisão de dinheiro.

Aquelle era um velho alvo, baixote, sambudo
meio encanecido, de olhares energicos, e resolutos e
este, um cabra bronzado, esperto, e agil de
uma humildade e reverencia entediosas.

Tinha sido creado desde creança com José
Francisco e pela sua fidelidade e bons costumes fôra
escolhido para acompanhal-o.

II

No dia seguinte, a tardinha, sellados os ca-
vallos, partiram José Francisco e José Apollonio rumo
do Contente.

Isso era pelos meíados de Julho de 1859.
Soprava um vento irritante.

Pelos campos extensos o mimoso resequido
tinha como o aspecto de um vastissimo tapete par-
dacento donde emergiam carnahúbeiras luxuriantes
e uma ou outra sambabeira enfezada em que ban-
dos e bandos de anuns piavam agoirentamente por
entre a aspereza selvagem da folhagem rarefeita e
encarquilhada.

Ouvia-se para um lado, mas afastada a alga-
zarra ensurdecedora de um troço de papagaios.

O sol ia se pondo.

A proporção que andava, José Francisco ia, en-
tretendo-se em fazer mentalmente a recapitulação
dos ultimos negocios feitos e dos que lhe faltava
ainda realzar.

Já tinha feito muito, mas faltava tanta coisa!
Santo Deus!

Quando ficaria livre daquella estopada!

Nisso occorreu-lhe ao pensamento a historia
da serra que lhe haviam contado na vespera e, sem
querer, insensivelmente, começou a devanear sobre o
carneiro de ouro e sobre a grande corrente que se-
gundo lhe referiram appareciam alli como um gran-
de encantamento ou, quem sabe! attestando talvez
uma grande fortuna occulta ou um grande mysterio
da mais remota antiguidade! Quem sabe! Em
todo caso, só por mera curiosidade, passaria por lá
quando voltasse.

Era quasi defronte do «Mirinzeiro». Atirou
distralidamente uma chicotada sobre a anca do
cavallo e começou a cantar muito baixinho como
que só para si o «Gondoleiro» de Castro Alves mui-
to em voga naquelle tempo:

«Teus olhos são negros, negros,
Como as noites sem luar...
São ardentes, são profundos,
Como o negrume.»

Não pde concluir.

Sentiu que um ferro muito agudo e muito
frio atravessava-lhe as carnes e, mortalmente ferido,
voltando instinctivamente o rosto deparou o carão
esverdinhado e feroz do cabra que presentindo-o
distralido ferira-o e levantando a mão feria-o de
novo.

Não pde articular uma palavra. Passou-lhe
uma nuvem pelos olhos. Parecia-lhe que ia succum-
bir. Teve como uma sensação de vacuo e, depois,
embrulhado com o peso do proprio corpo embor-
cou para frente e cahiu encharcado em sangue sob
as patas do cavallo que assustado disparou em des-
filada arrastando-o pelo pé que ficara preso ao estribo.

O cabra poz um rodeio ao animal e, depois,
puchan o pela perna o companheiro morto arrastou-
o para baixo de uma arvore que pendia sobre o
caminho; revistou-lhe os bolsos retirando a carteira
que continha para mais de seis contos de réis.

Collocou-a na cinta suja que apertou sobre

as calças de zarte e passando a sella gínete para o alazão tástico samu-se nos torvelinos de poeira cinzenta que levantava galopando pelos caminhos.

111

No dia seguinte toda a pequena villa de Campo-maior estremecia horrorizada sob a inesperada e alarmante noticia do monstruoso assassinio. Chico Sampaio, prevenido cêdinho, partira tropego, ensandecido, pela brutalidade do facto que lhe roubara o patrão querido, para o local do horrivel accidente.

Caminhava estonteado, matutando, parafusando no caso, mas nem podia reflectir.

Jesus! Como se teria dado aquillo?...

É o Apollonio, onde estaria? Não vira fallar nelle. Teriam-n'o morto tambem? Mas quem seria? Porque? O patrão não tinha inimigos nem ao menos era conhecido por aquellas *beiradas*.

E, depois de funda concentração, desconfiadamente:—Seria aquelle cabra? Mas, porque? Só se fôra para roubar...

Em todo caso, como não gostava de fazer máu juizo de ninguem, susteve o pensamento e encostando vigorosamente as esporas aos vasio da burra atirou-se numa carreira vertiginosa até que esta deparando o cadaver a beira do caminho recuou murchando as orelhas, arrepiada.

Chico Sampaio saltou num apice e encarando o morto querido levou as mãos a cabeça:

—Valhei-me, Senhor do Bomfim! E, ajoelhado perto do defuncto, palpando-lhe os membros algidos deparou involuntariamente com o sellim que o Apollonio havia jogado para um lado. Ergueu-se e olhando detidamente em redor avistou o *castanhão* em que partira o cabra. Abaixou-se rastejando. Chegou até onde cahira José Francisco, acompanhou o rastro de sangue que deixara pelo caminho o cadaver arrastado pelo pé. Examinou o sellim manchado de sangue e depois, verificando os bolsos do morto voltou a rastejar pela areia.

Notara uma coisa brilhante numa moita. Abaixou-se e apanhou-a.

Era uma faca;—a faca de Apollonio! E estava tinta de sangue!

—Fôra o cabra!... Não havia duvida.

Santo Deus! Só matou para roubar!...

E estremunhadamente, sem saber mesuro o que fazia, cahiu novamente de joelhos aos pés do cadaver gritando allucinadamente:

Jesus! Jesus! Jesus seja contigo! Lembra-te do santo nome de Jesus!

—Jesus! Jesus!

Jesus. Maria, José!

E mastigou uma oração.

Em seguida, testemunhado bem o facto, enterraram o morto sem mais formalidades alli mesmo, defronte do Merinzeiro onde collocaram uma grande cruz de madeira que ainda hoje alveja lá attestando o nefando crime e, como não encontrassem o assassino, Chico Sampaio pediu que expedissem uma precatoria que enquanto houvesse couro havia de fazer *pragatas* para cavar aquelle cabra fosse aonde fosse.

E nunca mais se ouviu fallar em Chico Sampaio.

I V

A poeira do tempo soprada por outros acontecimentos successivos e pela marcha accelerada da politicagem local de mechanismo muito differente da actual naquelles tempos foi a pouco e pouco se cumulando sobre o estranho crime do Mirinzeiro.

Já não se tratava quasi daquelle facto e de Chico Sampaio que ao principio suppuzeram um embusteiro qualquer cumplice talvez de José Apollonio quando uma bella manhã—quatro mezes depois surggiu elle escoltando com mais dois soldados o odiado cabra algemado e convenientemente amarrado com cordas de cedinho que premiam-lhe fortemente os bíceps inflamados.

Depois de largas e penosas pesquisas conseguiu captural-o por fim, sem resistencia, na villa do Capim-Grosso da extincta provincia da Bahia.

E, em seguida, recolhido a casa de detenção, como estivesse concluido o processo, foi submettido ao primeiro jury que o condemnou a pena ultima.

O cabra, ao saber do resultado do julgamento, não teve o menor sobresalto; sacudiu desdenhosamente os hombros largos e fazendo um gesto de pouco caso:

—Pois sim, que fossem esperando, que elle mesmo não era juda para morrer pendurado na ponta de uma vara. Qual!... morreria mas como um homem, que ficassem descansados.

E insensivelmente foi se tornando mais arredo dos companheiros de prisão, evitando conversas, cada vez mais triste e mais sombrio.

Passava dias e dias nas grades, o olhor taciturno perdido no espaço ou fitando com uma attenção imperturbavel, morbida, a marcha regular dos trabalhos da egreja do Rosário que por aquelle tempo se construia ali, defronte da detenção. Como que sentia um quasi bem estar quando ouvia embora amortecido pelo tropel estonteado da ventania ululante os quebros dolentes das trovas singélas e nostalgicas que cantavam os pedreiros martellando demoradamente os grandes blocos de *cabeça de jacaré*, ou a gritaria alegre e satisfeita dos serventes e aprendizes que passavam distrahiadamente arremangados, sopesando enormes caixões de barro ou de areia alvissima.

É uma grande tristeza, uma angustia indefinivel envolvia todo o seu pobre organismo lapidado pelas mais arduas privações. É uma saudade infinda, inenarravel premia-lhe o peito fazendo chegar-lhe as vezes um penoso soluço recalcado a garganta contrahida.

E' que menas occasiões recordava-se mais nitidamente da sua inutil infancia tão remota, dos outros tempos quando estivera aprendendo aquelle mesmo officio na Januaría. Era então tão pequenino! Jesus! Como aquillo ia longe!...

E como sob as nevoas de um sonho começava a rever-se trabalhando ao lado do pae...

E os companheiros de brinquedos! E a liberdade absoluta! E o grande sol fuscante!... Ah! mas tudo passara e, de uma feita, ali, como elle se lembava!, parecia que havia sido na vespera... O pae cahira do alto de um andaime e levaram-n'o para casa todo ensanguentado, já morto,—a bocca muito aberta a escorrer uma baba viscosa e os olhos baços numa expressão de angustia indefinivel!...

Depois a miseria abocanhara toda a choupana...—vieram os dias negros de fome e soffrimentos. E depois veio um branco caridoso que o recolheu e creou com estima. Era o pae de José Francisco.

Ah! seu capitão Marianno!...

Que homem bom!

Não podia recordar-se sem que as lagrimas lhe accudissem aos olhos resequidos... E sem Zé Francisco! E sa d. Clara—a mãe delle!

Jesus! Nem gostara de pensar naquellas cosas.

Quando vieram dizer-lhe que o poder moderador havia commutado-lhe a pena não teve o minimo sobresalto.

Havia de morrer como um homem, insistia.

V

E, assim, realmente, aconteceu.

Um dia, manhã cêdo, quando o carcereiro abria a porta da prisão para retirar os presos necessarios a fachina, José Apollonio investiu como uma fera brandindo uma enorme baioneta que ninguem soube onde, nem como conseguira.

O pobre homem recuou tubeando amedrontado e o cabra de um pulo, galgou o estreito corredor onde sahiram-lhe immediatamente ao encontro

Dentro da vida

A's vezes, perscrutando os fundos de minh'alma,
Onde apenas encontro as anfractuosidades,
Dos rochedos brutaes, sinto lá dentro a calma
E o silencio do vacuo e das soturnidades.

Outras vezes, escuto: a nostalgia espalma
A azas, e, ao soltar a enenia das saudades,
Abraçam-se-me a dor avassallante e incalma,
O frio, a treva, o medo, e as incredulidades.

Entanto, sempre alegre e enamorado, outr'ora,
Tive sorrisos bons para o nascer da aurora,
Alma para sonhar e beijos para as flores..

Mas isso já vae longe! Hoje tendo-o á lembrança,
Rógo-te, ó Natureza, uma nova esperança
E um novo coração para novos amores.

Antonio Chaves.

os dez soldados de primeira linha que compunham o destacamento da terra e o sargento Cariri que os commandava.

Travou-se allí mesmo uma lucta medonha.

Os ferros entrecrocavam-se desesperadamente. E os torsos contrahidos dos homens empenhados na lucta estupenda da peleja imprevisita tinham como ondulações monstruosas dos contornos gigantescos de um ictyosaurio enormissimo.

Ao transporem o corredor aos arrecuos, aos trambulhões, o cabra teve um arranco monstruoso para a frente—o ferro fiascou reluzindo aos raios do sol e um soldado rolou mortalmente ferido.

Os outros apertaram o cerco mas o cabra investiu novamente.

E, na rua onde o povo se cumulava curioso, num espaço mais amplo, a lucta mudou inteiramente de condicção mas não de intensidade.

Apollonio, como que duplicava de valor.

Tornou-se de uma ousadia estupenda.

Feria sempre! E a lucta sangrenta tornou-se num odiento combate de morte.

O cabra, julgando-se perdido, nem pensava em recuar. Investia sempre.

Tambem, reflectia, o que tinha a perder?! . . . Ao menos, a morte seria a liberdade. E morreria como um homem! Passou-lhe pelos olhos como uma nuvem de sangue. A bocca sabia-lhe a sangue! Todo e le era sangue.

Estava como tomado de uma vertigem de destruição, de estermínio, de morte!

Era medonho; só reconhecia o direito da força. E muito conscio de sua coragem e de sua agilidade prodigiosa—os olhos injectados, as narinas dilatadas aspirando fortemente o cheiro acre da carnagem, do sangue, a bocca arrepanhada por um rictus sardonico, deixou inteiramente de parte todos os soldados para atacar unicamente o sargento que apesar de agil e corajoso reconheceu logo a superioridade do pulso de aço do adversario de quem mal podia defender se.

Comprehendeu num relance todo o horror da

situação. Batia-se com um homem perdido que preferia morrer a render-se, a voltar para a enovia.

Bateu-se como um heroe. Chamou em seu socorro todos os recursos da pequena tactica militar que possuia, fez ainda um esforço supremo mas sentindo-se cada vez mais enfraquecer e o cabra a crescer para elle cada vez com mais empenho, com uma gana desesperada de acabal-o, de exterminal-o allí mesmo, gritou afflictivamente aos camaradas que o cercavam:— matem o cabra senão elle me mata!

A lucta, ahí, tornou-se medonha.

Os soldados, todos ao mesmo tempo, como impellidos por uma mola, prevendo a derrota aviltante, a vergonha estupenda de serem batidos por um homem só—elles que pelo numero o supplantavam, investiram então com um furor desconhecido. Mas o cabra tinha colleios ophidicos,—deviava-se, abaixava-se, curvava-se, subdividia-se com uma velocidade prodigiosa.

E sempre que erguia o braço o ferro fiascava no espaço e baixava-se mortifero para erguer-se outra vez.

Inesperadamente, porem, teve como um estremeção desesperado.—deu uma guinada estupenda para a frente e profundamente ferido no hombro direito voltou-se como uma cobra cuja cauda tivesse cortado, subito, tragicamente feroz, estupendo,—os olhos fiascantes, sangrento, o enorme braço erguido para atacar novamente mas não teve tempo,—uma buioneta trespassou-o de lado a lado e elle brandindo ainda o ferro homocida como uma enorme flammula de fogo desfraldada sobre a sinistra cabeça allucinada rodopiou vertiginosamente sobre os calcanhares e cahiu pesadamente, como um fardo, para a frente.

Morreu como homem, disseram.

E, ainda hoje, quando succumbe algum cabra destemido em lucta renhida lá para as bandas de Campo-maior, ha como um largo murmurio de admiração entre os circumstantes entusiasmados:

—Cabocio damuado, morreu como o Pelonho.

João Pinheiro.

Tyrannia

A Adelmar Rocha.

Quando em meu coração docemente vivia
O terno sentimento, a que se chama amor,
Tudo para min' alma era eterna alegria:
—Meu affecto real desbrochava em flôr.

Mas a mulher que amei—a propria tyrannia
Implantou em meu ser a miseranda dôr.
Hoje, como um perdido, immerso em nostalgia,
Trago-a presa ao poder do meu justo rancôr.

E si eu agora a visse afflicta e lacrimosa
Zombaria do mal dessa mulher formosa,
Que comparo à Phriné, meiga belleza antiga:

E diria: Procura um outro coração,
Que viva de sonhar, numa eterna illusão:
O amor sincero conça, o amor tambem fatiga!

P. B.

Em tempo

O artigo sobre a moda, publicado na secção competente, foi extrahido da «Gazeta de Noticias» do Rio de Janeiro, do *Bi-noculo* de Figueredo Pimentel.

Peitoral das creanças



Preparado por OSCAR C. BRANCO
PHARMACEUTICO

Prodigioso remedio contra *coqueluche, bronchite, asthma, grippe, pneumonia* e todas affecções das vias respiratorias.

As creanças mais rebeldes, tomam-no com facilidade, por causa do seu cheiro e sabor agradaveis.

DOZE

Para creança de 1 á 5 annos 1 colher das de chá de 2 em 2 horas.

6 e 12 « 1 dita das de sopa de 3 em 3 horas.

Deposito geral *Pharmacia Nova*
Rua Paysandú, — 64 THERESINA.

CARTÕES em branco para

visita e participios recebeu a

LOJA MAFRENSE

Rua Paysandú 69.

Para as minhas "notas"



Voltei hoje, novamente, á minha pobre rua solitaria. Durante muitos mezes andei arredado della, morando em pontos diversos, no centro da cidade, onde melhor se aprecia a vida agitada da multidão e onde a gente tem, sempre, um caso novo a commentar, alguma cousa de interessante, um assumpto qualquer para a palestra do dia...

E parece-me que estou a cem leguas do grande mundo.

Sinto-me isolado. Nem um trans-eunte a estas horas!

Deserta, completamente, a minha pobre rua sombria...

No entanto, apesar da tristeza infinita que envolve todas as cousas que me cercam, apesar da immensa melancholia da propria Natureza, que parece dormir a somno solto, eu não me sinto mal, não estou muito triste. Pelo contrario: creio até que um suave bem estar, um vago resquicio de alegria, entra, agora, de manso, pela minha alma, assim como este loiro raio de luz que o sol das oito horas deixa entrar, de leve, morosamente, pela janella aberta do meu quarto...

E arrependo-me de ter abandonado, um dia, a minha pobre rua solitaria. Não me lembro, ao certo, a época em que a deixei. Recordo-me, porém, que foi numa manhã como a de hoje. Fazia sol, um sol manso, desmaiado, muito morno...

Eu tinha a illusão de ir fugindo de uma prisão sombria onde andara penando por muito tempo...

Ia para uma rua alegre, cheia de muito povo, de muito barulho. Ia viver como aquella gente feliz que eu encontrava, sempre, nos meus passeios pela cidade, gente nova, cheia de energia, a lutar pela vida, de sol a sol, conversan-

do, rindo, trabalhando, numa algazarra que me encantava...

Disse adeus, sem saudade, á casa velha onde estivera morando por tanto tempo...

Despedi-me. Fui seguindo... E tive um riso de ironia ao atravessar a velha ponte onde eu passava todas as noites, de cabellos arripiados, assustados como uma criança, com um medo enorme de almas do outro mundo, em caminho da minha pobre rua solitaria...

Disse adeus a tudo aquillo.

—Agora, sim, ia para a vida, ia ser alegre como os outros...

E durante muitos mezes andei arredado do meu velho recanto tristonho, morando em pontos diversos, no centro da cidade, entre a gente alegre, que brinca e trabalha, de sol a sol, numa algazarra ensurdecedora...

Hoje, porem, voltei. E voltei desilludido!

A alegria das outras almas não chegou nunca até a minha alma. Continuei a ser triste, ainda mais, talvez, sentindo-me isolado mesmo entre a multidão jovial e feliz...

Teria levado commigo, por acaso, a tristeza infinita da minha rua solitaria?

Não! Foi ella que me seguio, que andou ao meu lado, sempre, assim como um ser demoniaco e mysterioso, ora suave e mansa, ora cruel, brutal, cheia de caprichos...

Entendi, por tanto, que devia voltar. O prazer dos outros fazia mal aos meus nervos irritados.—E voltei.

E sinto, agora, que não estou muito triste. Pelo contrario: tenho até a illusão de que um suave bem estar, um vago resquicio de alegria, entra, de manso, pela minha alma, assim como este loiro raio de luz que o sol das oito horas deixa entrar, de leve, morosamente, pela janella aberta do meu quarto...

Zito Baptista.

Ancia louca

A Pedro Campos Filho.

Quando assomas, Formosa, estes espaços
Inundando de odor nunca sentido,
Na vertigem soberba de um vencido,
Fico a fremer em lubricos canções.

E, ah! que desejos de te ter nos braços,
E, em delirios de amor, enraivecido,
Te machucar a cassa do vestido
Num turbilhão frenetico de abraços!

Assim, como uma pomba, de repente,
Vê-se presa e, no carcere, tremente,
Se debate nos rapidos adejos;

Assim te quero a ti, pomba adorada,
Debatendo-te, tremula, assustada,
No carcere de fogo dos meus beijos!

Celso Pinheiro.

Um velho crime

Factos se dão, muitas vezes, comnosco que, por mais insignificantes que pareçam á primeira vista, bastam para nos preoccupar uma vida inteira.

O que eu pretendo contrs aqui no estreito limite das duas unicas tiras de papel em branco de que disponho neste momento, está neste caso.

Não supponha, porém, o leitor que tenho o proposito de inventar romance. Ainda mesmo que me surgerisse uma tal idêa, isto é—o desejo de rabiscar uma longa e repisada historia de amores, no que em geral se resume a maioria dos romances, não o faria absolutamente. Salvo si a loucura me levasse ao ponto de escrever nas paredes, o que, estou certo, não acontecerá.

A minha historia é curta e se me não é muito ingrata a memoria, há já uns seis ou sete annos. Eu era nesse tempo estudante do lyceu, o que me enchia de um grande desmedido, orgulho. Para mim atirar pedras nos matutos que passavam, promover desordens, anarchizar as aulas e... não estudar, já

era ser alguma coisa. E, cheio dessa ridícula fatuidade, compenetrado do meu papel, esforçava-me o mais possível por não perder um baile ou uma dessas reuniões onde a gente tem a liberdade de dizer às moças uma meia duzia de banalidades que, felizmente para ellas, são esquecidas sem esforço, muito naturalmente.

Foi nesse tempo que eu escrevi os meus primeiros versos que, se bem me recordo, começavam assim:—

Quando vi-te, formosa, passando ...

Já me não lembro bem como terminavam; o certo è que eu não podia ser bom estudante se não gostasse de uma menina qualquer e não escrevesse versos de pé quebrado. Seguia a moda antes que a moda me seguisse a mim.

Mas.. lá vai a historia que, depois de sete annos, ainda me faz pensar horas inteiras. Também foi o maior fiâsco da minha vida.

* * *

Uma noite, ao entrar no meu, pequeno quarto da rua da Gloria-encontrei, mettido por entre a rotula da janella, o seguinte bilhete

Durval:

Convido-te para um baile, hoje, em casa de dona Z. L.—Não falt.: Como se trata de uma surpresa e não está combinado aonde deverá ser a reunião, vai directamente e lá espera o teu

Matheus.

Quando terminei a leitura do agradável bilhete já o *palitot* estava escovadinho da silva, o que vale dizer que apenas li as primeiras palavras—convido-te para um... agarrei logo na escova e, em dois tempos, tratei de por tudo em ordem.

Feita a *toilette*, a grande *toilette* dos grandes dias, reli novamente o papelucho, certifiquei-me melhor do seu conteúdo, e sahi, com o coração

aos pulos, fazendo mil castellos, antegosando as ineffaveis delicias de uma valsa dançada com *ella*, a tal formosa que eu vi passando e a quem dediquei os taes versos. Que felicidade!...

Ao avistar a casa indicada não dei de ficar muito atarantado. Nenhum vestigio de festa. Atè mesmo a sala de visitas estava às escuras. Lembrando-me, porem, das palavras do bilhete—Vai logo directamente, segui sem receio. Ao envez de ficar em alguma esquina, esperando que chegassem outros convidados, caminhei destrahidamente e... *tá-tá-tá.*

Mal acabaram de echoar pelo escuro e comprido corredor as minhas fortes palmas, appareceu-me dona Z. L., trajando muito simplesmente ou para melhor dizer—com algum desleixo.

—O sr. deseja alguma coisa?

—Eu... eu... e enchendo-me de coragem: a senhora naturalmente ainda não sabe da surpresa...

Dona Z. L. arregalou muito os olhos, pig arreou e depois:

—Que surpresa?

—A que o Matheus está preparando.

—Matheus?! interrogou a senhora cada vez mais espantada.

—Sim, senhora. O Matheus de Souza.

—Não sei quem é, absolutamente não conheço. E em tom de aborrecimento. O sr. faz favor de se explicar de uma vez. Tenho muito que fazer.

—Pois o Matheus não me convidou para um baile, hoje, aqui?!...

Desta vez o espanto foi terrível e a bôa senhora recuou dois passos.

—Aqui?! O senhor está enganado. Eu já ia perdendo a cabeça e cada vez as palavras se me tornavam mais difficeis. Fiz um esforço supremo e repondi.

—Não é possível! Não estou enganado é—aqui mesmo!...

—Não é possível, senhor—meu

marido tem estado a morte e eu não admitto que o sr. continue a affirmar tal absurdo.

Quasi me sumo de chão a dentro. A distincta senhora, com quem pouca ou nenhuma relação mantinha, ia pouco a pouco perdendo a calma e não me deixou tempo para responder:

—O senhor sabe o que isto está me parecendo? O que realmente è— uma estúpida brincadeira. Tenho conversado muito. E retirou-se, deixando-me, como se costuma dizer em taes casos, com as orelhas na cabeça.

Passada a primeira impressão, vendo que tinha sido victima de uma brincadeira de máo gosto realmente, sahi furioso, em procura do Matheus.

Ia espumando de raiva. Qual não foi, ainda, o meu desespero quando, ao dobrar da esquina da rua Ruy Barbosa para a rua do Paysandú, encontro o grande patife, em companhia de mais tres collegas,

rindo-se á bandeira despregada. Tinham observado tudo de uma certa distancia e riam-se de um facto que em verdade era bastante serio, principalmente para mim a quem coube o papel mais ridiculo.

Na tarde do dia seguinte sahia, com enorme acompanhamento, o enterro do coronel Theodoro, marido de dona Z. L. a quem ainda hoje não tive animo de pedir a minima desculpa.

A tal brincadeira custou o intrigar-me por muito tempo com o Matheus, um dos meus mais queridos companheiros e carregar ainda hoje na minha consciencia o remorso de um crime que, com franqueza, commetti innocentemente e na melhor bôa f.

Dona Z. L. nunca mais me olhou com bons olhos. Si, porém, ler o que aqui fica, estou certo de que me perdoará e, quem sabe? talvez ainda venha a ser uma das minhas melhores amigas.

Durval Junior.

A' Minha Mãe

«Pensava em ti nas horas de tristeza
Quando estes versos pallidos compuz...»

Varella.

Morta sublime! Oh, minha santa morta!
Ha quanto tempo já que te pranteio!
Que o teu carinho me não mais conforta,
Nem mais me abrigas no teu casto seio!

Ah! lembro ainda bem!—segundo creio,
—Pequenino—eu brincava ao pé da porta;
E, ao ver-te no caixão de flores cheio...
Mãe! nem sonhava que estivesse morta!

Mas um dia passou... um mez... um anno...
E dois... e tres... e mais e, oh desengano!
Nunca mais me beijou teu labio amigo!

Não te vi nunca mais! E, da orphandade,
Clamo, agora, nas trevas, com saudade:
—Mãe! porque foi que não morri contigo?...

Luiz Pistarini.

Galeria dos Eleitos

Fio de ouro

(Alberto de Oliveira.)

Por essa fria noite de inverno, a sós, em frente um do outro, na estreita sala de jantar, os dois velhinhos, para os quaes todo o domingo se passara sem uma pessoa que os viesse ver, encolhem-se tremulos, bocejam de aborrecimento, minuto, á minuto,—ella agasalhada em seu antigo chale de lã vermelha; elle enfiado em secular casacão fel-pudo cuja gola levantou até ás orelhas. São oito horas. Sópra lá fóra o vento em compridas e soluçantes rajadas, chove, talvez, uma chuva fina, cujo cair passa imperceptível no barulho da ventania.

Noite propicia a somno de amantes, noite amena para os que são moços e amam; mas para os que já não sonham, para os que envelheceram ha muito, noite má, aborrecida noite de inverno!

Calados ambos, frios como a própria neblina em que se amortalham as arvores, os dois velhinhos olham de quando em quando um para o outro, como dois amigos que ao cabo de longa jornada exgotaram todo o manancial de conversação e emmudecem sob a poeira e a solidão do caminho.

Na sala é o relógio a unica voz que se ouve, tardo e monotono, movendo com a pendula, marcando os minutos.

Mas fóra são mais sibillantes as rajadas do vento. . . Chove ruidosamente agora; pingam as beiradas da casa; na intermittencia do sudoeste ouve-se um tac! tac! soluçantede gottas que cáem. A terra deve estar encarapuçada de nuvens; deve lá chover abundantemente, pois ao longe engrossa ronco rumor, que não é senão o das cachoeiras que cantam alto por noite de chuva.

Lá péga o temporal!

Pela alma da velha passa um cuidado:

—Não vá abater o frechal da cosinha! O Eduardo, que é entendido em carpintaria, aconselhara-a a mandar fazer uns reparos de uma vez que viera encaixilhar a janella do quarto. Mas em quanto podia andar o trabalho? O Eduardo dissera que em dez ou doze mil reis. Dez ou doze mil reis, neste tempo!...

A alma do velhinho encolhe-se, encolhe-se e revôa para o passado...

—Fria noite! Em noite assim, viajei eu uma vez... quando foi isto, Domingos? Em mil oitocentos...

mil oitocentos e trinta, do Rio dos Indios para o Catimbão Grande. Nasceu dessa viagem o meu casamento. Montava um excellente animal, besta de alugel, mas valente.

As estradas eram atoleiros sobre atoleiros. Chegei enlameado dos pés á cabeça. Na fazenda só os negros estavam ainda de pé...

A alma da velha continuando:—... Se o Domingos recebesse o dinheiro que lhe deve o Camillo, arranjava-se. Não é muito, mas chegava para o concerto, e talvez desse para fazer um cercado para as gallinhas. Nada peor do que os incommodos da visinhança...

E a alma do velho:

—...Bôa gente a do compadre Thomaz! Já ninguém me esperava. Quem veio abrir a porta foi o compadre. Abraços, saudades. Veiu a ceia depois; ceia arranjada ás pressas; café, beijús de tapioca e manteiga. Fui dormir. A cama parecia de noivos; lenções alvissimos com um leve cheiro de malvas secas; fronhas de linho reudadas; a um canto o lavatorio, jarro, bacia, toalha, e uma penca do rosas por cima do espelho... Faz-me saudades o quarto. As rosas foram alli postas por ella...

E a outra alma:

—... A peor visinha é a Jacintha da padaria. Peste de mulher! Lingua até alli! Pois não me matou uma vez a *riscada*, a mais poedeira das minhas gallinha, só por lhe haver bicado uma miseria de pés de couve! Matou-a e com eu-a! Tambem estes desafóros se dão quando a gente está velha. Fosse eu moça, tivesse aquelles braços de outrora...

—... Maria Felicia! Maria Felicia! porque puzeste no quarto do hospede aquella penca de flores? Embebedou-me o seu cheiro, embebedou-me a idéa de que no dia seguinte, teria de ver-te... No dia seguinte, quando ergui a vidraça, o campo estava amarello de sol. Que linda a fazenda do Catimbão! A mesa do almoço, entre o compadre Thomaz e a D. Constança, Maria Felicia, muito séria, com uma rosa ao cabello (uma rosa igual ás do espelho) olhava-me... Olhou-me não sei quantas vezes. Bom tempo! vae tão longe, mas ainda tenho saudades!...

—... Fortes braços, bonitos braços. Bonitos. Ralaram a muitas mulheres de inveja. O Domingos pilhou-a uma vez descuidada, e mordeu-os. Uma dentada cujo signal tomou com o tempo a côr da ferru.

Oliveira, Pearce & C.

Agentes das Companhias de Cervejas

Antarctica, de S. Paulo
e **Brahma** do Rio de Janeiro.

THERESINA—PIAUHY.

gem, até que foi indo, foi indo, e apagou-se. Tudo passa com o tempo!...

A alma de Domingos revia-se agora no garbo dos seus vinte annos. Tinha pouco mais desta idade quando casou com a Maria Felicia. Um rapagão. Cabellos castanhos, meio fallhados, olhos vivos e azues. Chamavam-lhe Dominginhos. Os escravos da fazenda dobravam a lingua: Nhô Dominginhos. Eram muitos. Bonita mulata a Rufina, a que lidava com as roupas, fazia as camas e trazia o café á sala! Uma vez...

E a pobre alma ia aqui, ia alli, despertando os seus sonhos mortos, mandando ás suas illusões sepultadas que resurgissem; mas os sonhos deixavam-se estar onde haviam caído; as illusões forcejavam sem que pudessem partir a loisa feita do pó de milhares de dias, que sobre ella pesava. Tudo acabado! Tentou erguer de suas ruínas, reconstruir em sua memoria, vê-la de novo, a fazenda com seus escravos, com seu engenho de assucar, com o gemer de seus carros de eixos sonoros, com sua boiada, com seu campo verde a perder de vista... Tudo acabado! O que surgia era um montão de destroços, uma ilha no vácuo. Mas um ponto verde emergiu, uma haste fina chicoteou-lhe o rosto. Era a vergonte a de um bambual. Fôra lá que a Rufina...

A outra alma philosophava:—... Passa tudo com o tempo! Ah! como é triste a velhice! Murchou-se-me a carne dos braços, meus braços de marmore! Cairam-me os dentes—minhas fieiras de pérolas! O rosto, retalharam-m'o as rugas; meus cabellos de ouro fizeram neve... Que frio! Chove neve lá fóra. Ah! como é triste a velhice!

E, alternando com ella, a alma do marido philosophava tambem:

—Tudo acabado! tudo perdido! Triste cousa ser velho! Chegar a esta idade para ter a gente umas pernas que mal se arrastam, um corpo que ja não se apruma, umas mãos que se engelham, uma bocca que já não ri, uns olhos que choram sempre! É o sangue gelado, e as noites sem somno, a vida sem um goso, sem uma delicia!

Deixando correr umalagrima, Domingos attentou dessa vez muito fixamente namulher, e sobre aquella cabeça branca, como sobre si mesmo, caiu a compaixão de sua alma.

Pobre Maria Felicia, velhinha como eu! Ah! onde estás, quem dirá seres a mesma que estes olhos, que estes meus olhos antigos, não se cançavam de ver! Nada mais da formosa mulher que uma noite, no Catimbão me enfeitou o espelho de rosas! Nada mais daquellas compridas tranças de ouro que beijei tantas vezes! Que mimoso talho de letra tinha essa mão que alli está, descórada e tremula, ageitando o chale! As cartas que me escreveu!

—Como é triste a velhice! Que frio! era tudo o que a tiritar dizia a outra alma.

Mas a alma de Domingos teve um grande saudades das cartas de namôro, sobre as quaes, gu-

losa, noutro tempo se debruçara. Lembrou-se que ha dez annos atrás ainda as relêra uma noite. Havia-as guardado... Onde as havia guardado? Esperem... E impelliu brusca a octogenaria armação de ossos e pelle onde penava os ultimos restos de vida. Na sala estreita deu dois passos a figura do velho; aproximou-se da secretaria, em cuja gaveta recordava-se haver gurdado um cofre contendo antigas lembranças. Lá estava realmente o cofre. Abriu-o. Com todo o amor, toda veneração, começou a retirar delle, entre ligeiro pô, residuo de flores ha muito desaparecidas, varias cousas que ja beijando como reliquias: dois pedacinhos de fitas, já sem côr, um grampo de coral, partido; uma pequena fivêia de liga, cuja prata ennegrecêra com o tempo, um lenço de seda... Dentro deste estavam as cartas. Duas, tres, quatro cartas somente. Quatro, mas quasi illegiveis, tão desbotados seus caracteres estavam. Tentou lê-las; leu-as avidamente, mais com o coração do que com os olhos. Leu-as de novo, beijou-as, aspirou-as com sofreguidão; envolveu-as depois no lenço, e, antes de guardal-as, rebuscou o fundo do cofre. Nada mais. Mas o cofre parecia fendido ao fundo, uma tenue fresta brilhava, dando passagem a um raio de luz. Examinou. Ah! era um fio de cabelo, um delgado fio de ouro, um ultimo fio da cabelleira de ouro que o tempo pouco a pouco arrebatara de sua vista! Sô ellê, esse fio, existia, só elle escapara ao naufragio dos annos, vindo de tão longe, da terra do sol, da região clara da primavera, do paiz dos sonhos, da mocidade que se extinguiu! Sô elle escapara, ouro sempre, todo de ouro, como os irmãos, que eram tantos, e cançaram na viagem e pouco a pouco se cobriram de neve!

E com os labios n'aquelle fio comprido e brilhante, como a trança a que pertencêra, a alma de Domingos seguiu por elle fóra até ao passado. Avivaram-se as scenas extinctas, accordaram os sonhos mortos, resurgiram as illusões sepultadas. O Catimbão appareceu á distancia, appareceu a cancella do campo, appareceu a casa caíada, o eugealho com o chaminé golfando no ar sereno um jôrrô de fumaça, a escravatura, os negros que chegavam de enxada ao hombro, a varanda com as suas columnas, dois molequinhos retinctos e vivos aos quaes distribuia moedas de cobre; e a janella do mesmo quarto, onde dormia naquella noite das rosas, Maria Felicia scismava, com um pente à mão, correndo os longos cabellos soltos...

Era um extasi... Mas a velhinha—a outra Maria Felicia que alli estava por detrás delle, teve um sobresalto, extremeceu, cochilava, talvez, repetindo o estribilho:

—Que triste a velhice!

Domingos voltou-se. A luz do lampeão batia em cheio na cabeça da velha—um montão de neve mas entre aquella neve, entre aquelles fios leves e brancos, pareceu-lhe ver brilhar um fio de ouro, uma especie de raio de sol.

Secção Elegante

A Moda

Não ha forças humanas capazes de me convencer de que exista o absurdo na Moda—a Moda com M grande!... diz uma chronista estrangeira. De duas uma: ou a Moda é em si mesma o Absurdo, ou, então, nunca é absurdo. Se ella é effectivamente o Absurdo, é preciso que nos insurjamos contra ella, que a com-

batamos sem treguas, que desacatemos systematicamente os seus decretos... Se não o é, então, reconhecamos a sua força omnipotente e concordemos em que sob a sua aza protectora não ha extravagancia que não seja chic, elegante, smart, delicada... O Bom-Gosto raramente inter-nvem nos desígnos da Moda, cujo prestigio e cuja força residem exactamente na fantasia, no capricho, no absurdo. Pedir logica á Moda é o mesmo que pedir pecegos a uma fogueira.

Combater a moda?!... Mas isso é como se quizessemos dar um soco a torre de Notre Dame. Todos os modos têm o ar de a desdenhar, todos procuram mostrar-se-lhe superiores... Mas todos, mesmo sem querer, se lhe submettem como súditos humildes e obedientes. Quem é que pode investir contra esta especie de tyrannia?!... Que é a Moda?!... A Moda é o que se usa. E por que é que se usa isto ou aquillo? Por que?!... Porque é moda.

E a Moda não se intromette só no que vestimos. Intervenem em todos os nossos usos e costumes e até nas nossas idéas. Têm modas os medicos, os musicos, os poetas, os romancistas, os dramaturgos, etc., etc. Antigamente almoçava-se pela manhã... nos bons tempos em que nos levantamos cedo; jantava-se ao meio-dia e ceava-se ás Trindades. Hoje é o petit de jeuner às dez, o almoço á uma, o lunch às quatro ou cinco e o jantar ás oito. Moda! Lá chegarem os ao tempo de almoçar ás cinco da tarde, jantar a meia noite e cear ás seis da manhã.

Não se riam, pois, das extravagancias da Moda. Visto que ella é assim, é preciso acceital-a como ella è: Quando n'a pas ce que l'on aime, on zes. Aítemos, então, a Moda. Il faut toujours être de son temps. Lembrem-se dos fadistas do Bairro Alto, da Aldama e da Mouraria, em Portugal?!... Eram homens de melenas e calças a bocca de sino e chapêos redondos, que tocavam guitarra e davam navahadas como quem dá espirros!

Pois fiquem sabendo que o traje que os distinguia, antes de ter chegado até elles, foi a superlativa elegancia da juventude dourada de antanho... O fadista era o elegante marialva, traduzido em plebeu. Um marquez luzitano realisava o supremo ideal de janotismo, com as melenas na testa o chapêo redondo, o collarinho decotado e a calça á bocca de sino!

As modas acabam sempre por vulgarisar-se, rebaixar-se e só a poder de muitos lustros se rehabilitam quando cahem no montão! Donde vem a Moda? Não se sabe. Conta-se que o rei da Inglaterra arregaçou um dia as calças para entrar nas reaes cavallariças e como quer que se esquecesse de repol-as na primeira fórma, ao sair, e apparecesse arregaçado em Hyde Park, toda a Europa e toda a America masculina passou a arregaçar as calças... ainda que não chovesse. Era chic! Digam lá, depois disto, se alguém sabe ao certo o que vem a ser chic!...

De relance

E' uma creatura celeste.

Reside num dos mais bellos bairros desta terra e é linda como uma esperança. Tem a altivez soberana das deusas e está nessa phase encantadora em que embalsamam a mocidade o perfume dos lyrios e a garrulice dos ninhos.

Nos seus grandes olhos rasgados de uma languidez deliciosa possui a suave nostalgia dos occasos.

Morena, de estatura regular, lindos cabellos castanhos, modos doces e graves não a podemos ver jamais sem sentirmos vibrar em nossas almas sonhadoras a symphonia das emoções.

Alta e adoravel, o bello e a graça borboleteando na face linda, á sua passagem gloriosa parece que vai arrebatando corações na correnteza de oiro dos seus encantos.

Alma crystallina de artista, quando vibra o seu mimoso bandolim, faz-nos evocar um côro de patativas e pintasilgos á sésta de um sol primaveril e ardente.

E' um anjo de perfeição.

O seu nome raro e bonito, de uma vibração morosamente fidalga, traz-nos a lembrança murmurios nostalgicos de palmeiras e enlanguecimentos de rosas e alvoradas. O seu apellido formado de um dissillabo sonoro é essencialmente gracioso.

O seu traje irreprehensivel é sempre igual ao da sua formosa irman de quem é amiga e collega inseparavel.

Não a conheceram ainda?

Pois è a dona de um nariz bem feito,
Elegante e mimoso,
Que é do seu rosto angelico e perfeito,
O que mysterioso.

Adonís.

Jesus Christo Baptista—é o nome do interessante filhinho do nosso querido collega—Jonathas Baptista, nascido no dia 10 deste mez.

De coração, desejamos ao mimoso Jesus um futuro muito feliz, enviando ao nosso alludido companheiro e á sua digna esposa, d. Durcilla Baptista, os nossos parabens.

Realizou-se no dia 1 deste mez, conforme noticiámos, no Theatro «Quatro de Setembro», com um selecto e numeroso audictorio, composto do que há de mais fino no mundo intellectual e familiar, a conferencia literaria de Zito Baptista. O thema escolhido—Namorados sem ventura—foi desenvolvido com muita graça e precisão, o que fez com que o joven conferencista recebesse, ao terminar, numerosos e repetidos applausos.

Vimos abraçando o nosso intelligente collega, por mais essa conquista literaria, os nossos illustrados amigos Doutores H. Cu. ha, Abdias Neves, Valdivino Tito, Miguel Rosa, José Firmino Paz e muitos outros intellectuaes theresinenses.

Alforada sente-se feliz com o seu distincto collega pelo triumpho que acaba de obter.

O lar do nosso distincto amigo 1.º Tenente Costa Araujo Filho, encheu-se de justas alegrias com o nascimento de mais um adorado filhinho.

Alforada envia parabens aos estremosos pais.



LIQUIRIOS

Completaram annos:

No dia 1—d. Adelina Miranda, a formosa senhorita Doninha Rêgo, e o nosso amigo dr. José Rocha;

No dia 2—d. Maria dos Anjos Mendes, o professor Moysés da Matta, residente em Colonia, e o nosso assignante A. Sisypho Correia;

No dia 3—d. Lili Lopes, viuva do saudoso jornalista piauihyense dr. José Pereira Lopes;

No dia 4—o poeta R. Ney da Silva, telegraphista em Barras e academico de direito, a senhorita Honorina Lopes e d. Amanda Burlamaqui de Abreu;

No dia 5—o commerciante Adolpho S. n.ª Anna e a pequena Iracema, linda filhinha do major Satyro Pinto de Oliveira;

No dia 6—a senhorita Niza Medeiros;

No dia 7—d. Maria Amelia Lemos, esposa dilecta de B. Lemos, nosso confrade da «Gazeta»;

No dia 8—a formosa senhorita Edith Ribeiro, filha do competente educador Benedicto Francisco Ribeiro;

No dia 9—o nosso amigo Leopoldo Cunha, filho do nosso mestre e amigo dr. H. Cunha;

No dia 10—a interessante Marietta, filha do fallecido clinico dr. Marcos Araújo, e d. Zulima Mendes;

No dia 12—o nosso amigo capitão Claro Hollanda;

Hoje—d. Sinhã Miranda, esposa do nosso amigo capitão Antonio Cavour de Miranda e o nosso amigo e assignante Aphrodisio Oliveira.

NOTAS

Para a capital da Republica seguiram, no vapor de 5, os nossos queridos amigos Antonio Sobreira Filho e Julio Freire.

Os dois dignos moços pediram-nos que os desculpassem perante as pessôas de sua amisade, das quaes se não poderam despedir, pessoalmente, por absoluta falta de tempo.

Desejamos muitas felicidades aos jovens viajantes.

O nosso distincto amigo José Rodrigues Fonseca, representante da «Pharmacia Nova» de Oscar Gil Castello Branco, teve a fineza de nos offerecer, o que muito agradecemos, um boião de sua *Pasta Myrtis*, excellente preparado para desifectar a bocca, limpar os dentes, re-

frescar as gengivas e aromatizar o halito.

Podemos garantir que o novo preparado da Pharmacia Nova, satisfará por força ao mais exigente freguez.

A loja maçonica Caridade 2.^a realisou, no dia 30 do mez passado, importante sessão funebre em homenagem á memoria do Saudoso Dr. Honorio Portella Parentes. A sessão esteve tocante. Fallaram, fazendo o elogio do morto, o orador da casa, Dr. Abdias Neves, e o sr. Alfredo Barros, produzindo ambos, dois bellos discursos.

O Dr. Miguel Rosa, em nome da familia Parentes, agradeceu as homenagens prestadas á memoria querida do Dr. Portella.

Vindo do Rio de Janeiro, chegou, quarta-feira ultima, a esta capital o Dr. Venancio Velloso, recentemente formado em direito pela Academia de S. Paulo.

Acompanhado de sua digna esposa, D. Genú Pinheiro, regressou ha poucos dias, de Campo-maior, o festejado poeta João Pinheiro, nosso brilhante collaborador.

Já está quasi restabelecida da forte molestia que a prostrou, por alguns tempos, a distincta senhorita Déa Pinheiro.

GOIVOS

Falleceu em a noite de 8 deste mez, sepultando-se na manhã de 9, o innocente Antonio Martins Netto, adorado filhinho do nosso amigo Raymundo Furtado a quem, bem como a sua dignissima senhora, Doninha Furtado, enviamos sentidas condolencias.

Libro-Papelaria-Véras

DE

J. Campos Véras

to estão agraphia. As officinas typographicas deste estabelecimen-
lho desde mente montadas para executar todo e qualquer traba-
dernissim ples até o de maior luxo. Dispõem de aparelhos mo-
publicas; trabalhos correntes, commerciaes e para repartições
e em rele em similigravura, phototypia, zincographia, planca
cores, lris, ouro, prata e alluminio.

a ma Entalhe de brochuras, folhetos, jornaes, revistas etc, desde
as simples até o volume de luxo para presente.
Fabricação de pastas para carteira e de couro para advogado etc,

rios, Pautação. — Preparam-se com o maior esmero e presteza, — Dia-
quer Razões, Caixas, Contas Correntes Pequenas Devedores, e todo equal-
cas, e livro em branco ou riscado para commercio e repartições Publi-
om ou sem impressões.

enve Papeleria — O maior e o mais variado sortimento em papeis e
chromo para para todos os mistéres, desde o de impressão para ornates a

Artig

Vende

escolar

para

escriptorio

araso

dinh

ro. Fornece a

as

icão

publicas.

Publicações.

Casa editora.